NOVOS VENTOS NA AGROPECUÁRIA

FÁBIO DE SALLES MEIRELLES
Presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (FAESP)



ATÉ O presente momento, há indícios de que 2017 será um ano muito promissor para o agronegócio. Há cerca de dois meses, o quadro era de muita preocupação. As turbulências no campo político, as incertezas climáticas, os riscos ao comércio global – tudo isso em decorrência das posições do presidente americano para cumprir as suas promessas de campanha – e os indicadores macroeconômicos domésticos sombreavam as perspectivas positivas.

A conjuntura política está longe de ter sido ajustada, mas os impactos das notícias negativas têm sido amortecidos por manchetes e indicadores mais positivos sobre a economia brasileira. Com a redução acentuada e constante da inflação nos últimos meses, teve início o esperado processo de queda na taxa básica de juros. Alguns indicadores setoriais e a própria confiança na economia sinalizam que chegamos ao fundo do poço, ao ponto de inflexão para marcar a retomada do crescimento da economia nacional, mesmo em bases ainda modestas.

No plano do comércio internacional, as preocupações com a nova postura comercial dos Estados Unidos de defesa do seu mercado interno estão ainda presentes, contudo as oportunidades começam a aparecer, sobretudo para o agronegócio brasileiro, na direção de ganhar espaço com a eventual retração americana. Além disso, algumas análises projetam uma emergência da China nesse novo cenário, impulsionando a participação no comércio internacional de países emergentes como o Brasil.

É digno de nota o esforço do ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, no sentido de aumentar a visibilidade e promover a imagem do Brasil. Uma maior integração com regiões-chave para o comércio brasileiro, como são os casos da Ásia e do Oriente Médio, constitui um passo importante. Isso certamente pode colocar o País numa situação vantajosa em eventuais oportunidades de mercado que venham a ser criadas.

Quanto à economia real, como bem mostra o relatório do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BACEN), os prognósticos são de redução mais acentuada da taxa Selic, uma recuperação das atividades em certos segmentos industriais e varejistas e a retomada do crédito. A liberação dos recursos das contas inativas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), somada ao ânimo trazido pela aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 55 em 2016 – popularmente conhecida como PEC do Teto dos Gastos do Governo –, a perspectiva de adequação da legislação trabalhista e a reforma da previdência trazem confiança aos empresários e à população, podendo, efetivamente, contribuir para alavancar a economia.

Além disso, o presidente Michel Temer, em recente evento que ajudamos a organizar para o lançamento do Agro+ SP, mencionou que a situação atual pode permitir uma ampliação na agenda do Governo para almejar, também, a simplificação tributária. Isso representa um grande ganho para a sociedade, pois facilitará o cumprimento das obrigações fiscais pelos empresários e garantirá maior dinamismo nas atividades econômicas.

Impulsionado por todos os fatores aludidos, mas principalmente pelo quadro climático favorável, o agronegócio está pronto também, segundo levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) de janeiro último, para colher uma produção recorde de grãos nesta safra 2016/17, de 215 milhões de toneladas, o que injetará recursos e divisas com exportações na economia nacional. ■